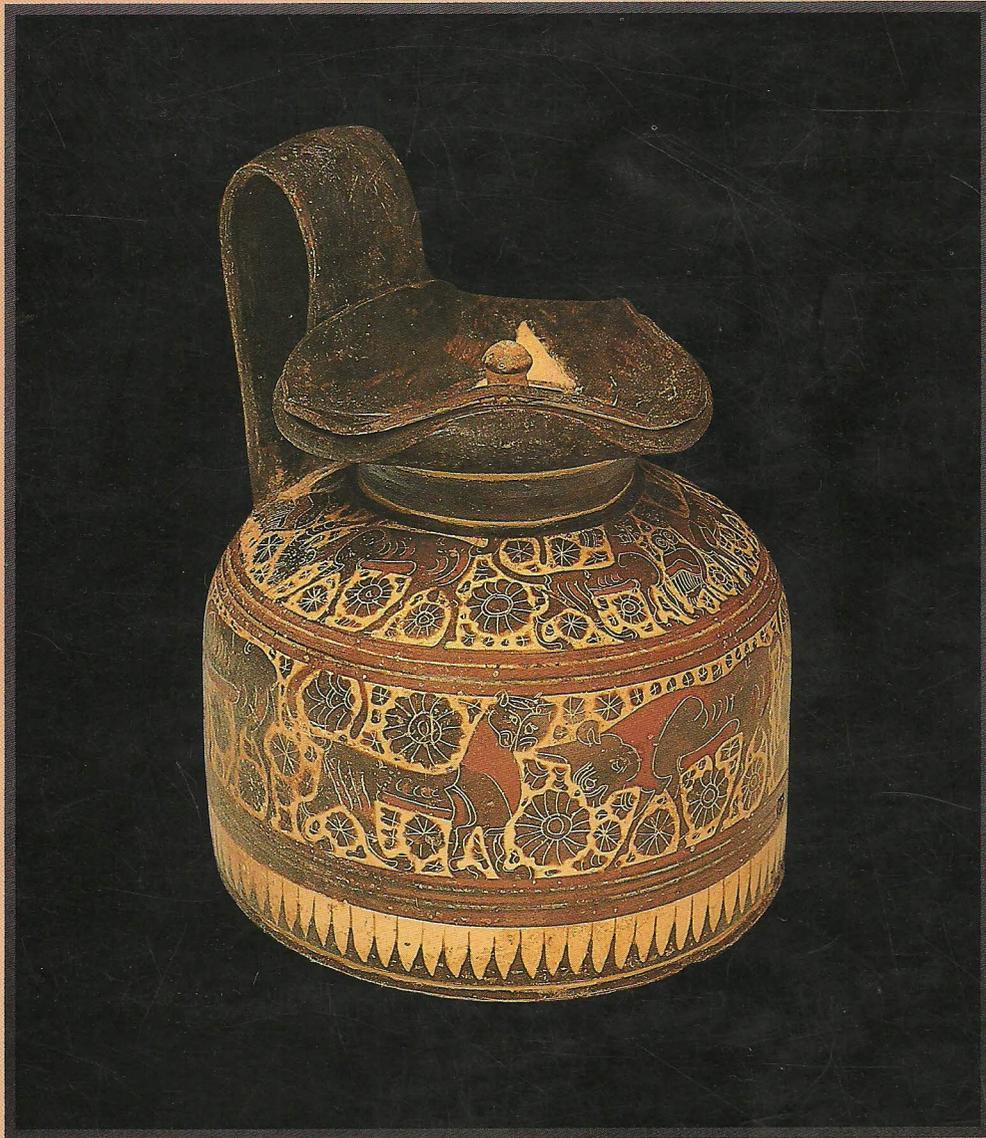


EXPOSIÇÃO

CERÂMICAS ANTIGAS DA QUINTA DA BOA VISTA



APOIO CULTURAL
SEMENGE S.A. ENGENHARIA E EMPREENDIMENTOS

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

de 16 de novembro de 1995 a 16 de março de 1996

Arte e Arqueologia da Antiguidade Clássica

HISTÓRICO DA COLEÇÃO

Com mais de 700 peças distribuídas entre vasos de cerâmica, lâmparinas e estatuetas de terracota, objetos de bronze, pequenas esculturas em pedra, frascos de vidro, amuletos fálicos e painéis de pintura mural, esta coleção foi trazida ao Brasil pela Imperatriz Tereza Cristina, princesa da dinastia dos Bourbon, irmã de Fernando II de Nápoles e descendente de Paulo III Farnese. Esta nobre filiação à importante família real napolitana já orienta a busca das origens dos objetos arqueológicos do Museu Nacional. Com efeito, algumas peças fizeram parte da coleção da rainha Carolina Murat, irmã de Napoleão Bonaparte e esposa de Joaquim Murat, rei de Nápoles de 1808 a 1815, coleção esta que ficou na cidade quando, em 1806, Fernando I, e depois de 1830, Fernando II, reafirmaram o poder do reino das Duas Sicílias. Foram os Bourbon de Nápoles que organizaram o acervo arqueológico do chamado Museu dei Vecchi Studi; reunindo os objetos da coleção dos Bourbon-Farnese aos da coleção de Carolina Murat; foram eles também que mudaram o nome do museu para Real Museo Borbonico, o mesmo que atualmente se chama Museo Nazionale di Napoli.

Tanto as peças da coleção de Carolina Murat quanto os objetos recolhidos pelos Bourbon são provenientes de escavações ou achados fortuitos de vários sítios arqueológicos da Itália, sendo difícil estabelecer-se com precisão os locais exatos em que foram encontrados; entretanto, uma boa parte provém das antigas escavações de Herculano e Pompéia, como por exemplo alguns bronzes, os amuletos fálicos, os frascos de vidro e os painéis murais; sabe-se também que alguns vasos da coleção Murat saíram das escavações efetuadas na atual área do edifício que abriga o Museo Nazionale di Napoli, quando de sua construção; finalmente, há vasos etruscos de *bucchero* e outros objetos cuja proveniência é sem dúvida Veios, peças estas encontradas durante as escavações arqueológicas promovidas pela Imperatriz Tereza Cristina em 1853 em sua propriedade “isola Farnese”.¹

Não é provável que toda a coleção tenha sido trazida ao Rio de Janeiro na mesma época; as primeiras peças chegaram certamente em 1853 — dez utensílios de bronze de Herculano e Pompéia, que foram vistos, descritos e desenhados por Thomas Ewbank, quando de sua visita à Quinta Imperial da Boa Vista, e por ele publicados em 1856.²

Além destas informações, outras referências são encontradas em obras do século passado e início deste: em 1828, o clássico repertório de Gerhard-Panofka, *Neapels antike Bildwerke*, cita nove vasos da coleção Murat identificáveis com peças do Museu do Rio de Janeiro; a extensa obra de G. Fiorelle, de 1878-1880, *Documenti inediti per servire alla storia dei Musei di Italia* (Florença-Roma, I, II e IV), reconstitui não só momentos importantes na formação das coleções de Carolina Murat e dos Bourbon-Farnese, como reproduz o inventário das peças da rainha, feito em Nápoles quando elas foram

¹ Informações obtidas por correspondência, em 1981, e, pessoalmente em 1982, do Dr. Filippo Delpino, do Centro di Studio per l'Archeologia Etrusco-Italiana, Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma.

² Cf. *Life in Brazil, New York*, Harper and Brothers, 1856; tradução portuguesa de Jamil Almansur Haddad, EDUSP — Livraria Itatiaia Editora Ltda., Belo Horizonte, 1976, 116-117.

transferidas em 1815 para o Museu dei Vecchi Studi; coincidentemente, um destes vasos, uma cratera lucânica decorada com interessantes cenas mitológicas, é citado em um artigo de V. Macchioro, que publica igualmente dois velhos desenhos, nas figuras 23 e 24, tirados dos arquivos de Nápoles, com a seguinte indicação à p. 304: "... cratere sperduto, già posseduto dalla regina Carolina Murat".³

Somente em 1958 houve uma tentativa de estudo sistemático da coleção. H.R.W. Smith, professor de Arqueologia Clássica da Universidade de Berkeley, fez um levantamento inicial das peças, objetivando a sua publicação. Infelizmente, não pôde concluir os seus estudos, mas pela primeira vez houve um aproveitamento científico das peças, resultando em dois artigos: um deles, à guisa de relatório, foi apresentado com o título "Investigation in the National Museum in Rio de Janeiro", na revista *Year Book of the American Philosophical Society*, 1960, pp. 569-574, do qual existe uma tradução publicada em 1962 no *Boletim do Museu Nacional de Belas Artes*, Rio de Janeiro, 2 de outubro; muito mais importante foi seu estudo de um dos vasos da coleção, com representação fliácica (cena burlesca inspirada da tragédia grega): "Phlyax vase in Rio de Janeiro", *The American Journal of Archeology*, 66, 1962, p. 323-331.

Finalmente por informações do próprio Smith, o grande especialista da cerâmica italiota, A.D. Trendall, incluiu em sua obra alguns exemplares desta coleção: assim é que encontramos em *The Red-Figured Vases of Lucania, Campania and Sicily* (Oxford, 1967, 2 volumes), devidamente repertoriados e com as atribuições dos seus respectivos artistas, oito vasos pintados da Lucânia e doze da Campânia.

Não é difícil concluir que a importância destas coleções de Arqueologia Clássica ultrapassa a simples curiosidade museográfica e o seu aproveitamento meramente didático. Patrimônio das culturas clássicas, esta documentação material presta-se a estudos aprofundados sobre os problemas históricos e antropológicos que fundamentam a formação cultural do homem ocidental de que somos parte integrante.

No tocante à pesquisa científica, oferecem um interesse múltiplo. Em primeiro lugar, devemos salientar que se compõem dos mais variados tipos de artefatos que possibilitam o conhecimento das técnicas de produção, seja em cerâmica, em bronze, em terracota, em vidros, etc. Este fato já abre caminho para a pesquisa sobre a tecnologia da Antiguidade Clássica, que por sua vez recobre importante área de estudo sobre a história geral dessa tecnologia da qual o mundo antigo é não só participante, mas também origem de uma longa evolução.

Em segundo lugar, há que se considerar os subsídios de interesse capital que oferecem estas coleções para o conhecimento da história da arte clássica. Basta lembrar a série importante de vasos gregos, italiotas e etruscos, na maioria deles atribuíveis a centros de produção e oficinas de artistas célebres do mundo clássico; os exemplares de estatuetas, dignos representantes de uma arte das mais nobres que nos legou a Antiguidade Greco-Romana; os painéis de pintura mural de Pompéia, etc. Inerente ao próprio estudo

³ (I ceramisti di Armento in Lucania), *Jahrbuch des deutschen archäologischen Instituts*, 27, 1912, 265-316.

dos objetos do ponto de vista essencialmente artístico, estende-se ainda o valor dessas coleções ao conhecimento de um outro capítulo da história da arte, o da iconografia que, na maior parte dos casos, projeta-se também no campo da história mítica e religiosa, uma vez que suas representações, seja na figuração dos vasos, das moedas e lamparinas, seja na estatuária, referem-se a cenas e personagens do mundo heróico e divino.

Muitos elementos da própria vida religiosa dos antigos podem ser conhecidos através do aproveitamento adequado de algumas das peças dessas coleções. Sabemos que, dentre as estatuetas, um número representativo provém de santuários onde estes objetos eram depositados como *ex-votos* e testemunham uma religiosidade particular a certas camadas sociais; por outro lado, o grupo de amuletos fálicos provenientes de Pompéia, por sua significação mágico-religiosa, abre caminho para o estudo de um verdadeiro capítulo sobre o comportamento religioso popular dos romanos.

Finalmente, por tratar-se em parte de peças provenientes de centros de produção da Magna Grécia e Sicília, mas reproduzindo técnicas, estilos e significados gregos, há que se levar em conta a sua importância para o conhecimento da projeção da cultura grega em áreas de influência, como o foi a região da Itália colonizada pela Grécia: comércio, trocas, contatos diversos entre gregos e itálicos interferem na assimilação de técnicas, de estilos, de comportamentos, discerníveis através da cultura material que estes povos nos legaram.

Bibliografia

- L. GIUSTIANINI; CAV. FRANCESCO DE LICTERIIS — *Guida per lo Real Museo Borbonico*, Nápoles, 1822
- A MORELLI — *Musée Royal Bourbon*, Nápoles, 1835.
- G. FIORELLI — *Del Museo Nazionale di Napoli*, Napoles, 1873.
- G. FIORELLI — *Documenti inediti per servire alla storia dei musei d'Italia*, Florença-Roma II, 1878-1880.
- A. DE FRANCISCIS — “Per la storia del Museo Nazionale di Napoli”, *Archivio Storico prov. napol.* N.S. XXX, 169-182, 1944-1946.
- H. ACTON — *The Bourbon of Naples (1734 — 1825)*, Londres, 1960.
- H. ACTON — *The last Bourbon of Naples*, Londres, 1961.
- A. DE FRANCISCIS — *Il Museo Nazionale di Napoli*, Nápoles, 1963.

Prof^a Dr^a HAIGANUCH SARIAN
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e
Museu de Arqueologia e Etnologia